

A GEOPOESIA INDÍGENA APINAYÉ E KRAHÔ: ESPAÇOS DE VIDA NATIVA

Danielle Mastelari Levorato
Universidade Federal do Norte do Tocantins, Centro de Ciências Integradas,
Licenciatura em Letras, Tocantins - Brasil
danielle.levorato@ufnt.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-1995-1490>

Eliane Cristina Testa
Universidade Federal do Norte, Curso de Letras, Tocantins - Brasil
eliane.testa@ufnt.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-0863-4297>

RESUMO: O presente artigo propõe uma análise crítico-literária de poemas Apinayé e Krahô, encontrados nas obras *Poesia indígena: Etnopoesia Apinayé* (Atena, 2021) e *Poesia Indígena: etnopoesia Krahô* (Atena, 2023). A partir das tradições, dos ritos e das vozes indígenas, propomos reflexões sobre os espaços geopoéticos e intersubjetivos das produções poéticas. Metodologicamente, é um estudo bibliográfico com viés qualitativo e interpretativo. Como fundamentação teórica, utilizamos Nimuendaju (1983); Graúna (2013, 2014); Dorrico, Danner e Danner (2020); Apinajé (2020); Esbell (2020); Souza (2018); Freitas (2008); Kambeba (2020, 2023); Krahô (2017); Melatti (1978); Minayo (2022); Munduruku (2012); Pereira júnior, Araújo e Testa (2023); Silva Júnior (2022); Silva e Testa (2022); Testa, Albuquerque e Apinajé (2021); Testa e Albuquerque (2021); Testa *et al* (2023). Como resultados, apontamos que a geopoesia indígena, vista como uma produção literária contemporânea de resistência e de reexistência, é capaz de expressar as realidades singulares geopoéticas e intersubjetivas (individuais e coletivas) dos povos indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia Krahô. Poesia Apinayé. Geopoesia. Vozes indígenas. Poesia nativa.

APINAYÉ AND KRAHÔ INDIGENOUS GEOPOETRY: NATIVE LIVING SPACES

ABSTRACT: This article proposes a critical-literary analysis of Apinayé and Krahô poems, found in the Indigenous poetry works: *Etnopoesia Apinayé* (Atena, 2021) and *Poesia Indígena: etnopoesia Krahô* (Atena, 2023). Based on indigenous traditions, rites and voices, we propose reflections on the geopoetic and intersubjective spaces of poetic productions. Methodologically, it is a bibliographic study with qualitative and interpretative bias. As a theoretical foundation, we use works from Nimuendaju (1983), Graúna (2013, 2014), Dorrico; Danner; Danner (2020), Apinajé (2020), Esbell (2020), Souza (2018), Freitas (2008), kambeba (2020, 2023), krahô (2017), Melatti (1978), Minayo (2022), Munduruku (2012), Pereira junior; Araújo; Testa (2023), Silva Júnior (2022), Silva; Testa (2022), Testa; Albuquerque; Apinajé (2021), Testa; Albuquerque (2021), Testa et al (2023). Some results point out that indigenous geopoetry, seen as a contemporary literary production of resistance and re-existence, is capable of expressing the unique geopoetic and intersubjective (individual and collective) realities of indigenous peoples.

KEYWORDS: Krahô Poetry. Apinayé Poetry. Geopoetry. Indigenous voices. Native poetry.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura indígena, por meio da palavra oral-escrita, configura espaços de vida nativa, de encantamentos, de lutas e de sobrevivência das culturas; pois ela expressa uma forma de ser, de estar e de viver no mundo, além de ser um direito à voz (um lugar de fala) dos povos indígenas. Também, a literatura indígena é uma via de acesso às paragens culturais indígenas, e, cada vez mais, nós, leitores, temos o direito de (re)conhecer essas produções ricas, que comunicam diferentes mundos ancestrais, cosmovisões, identidades, e ainda apontam para a pluralidade da produção literária brasileira.

O foco deste texto é a poesia indígena, uma produção oral-escrita que transita por potências simbólicas e culturais e que carrega em seu cerne imemorial multimodalidades semióticas como: dança, grafismos, ornamentos, pinturas corporais, rituais etc. Portanto, algo com valor material e imaterial, carregado de qualidades cognitivas e simbólicas, buscando dar visibilidade ao pensamento indígena. Neste trabalho, apresentamos geopoemas Apinayé e Krahô, com vozes-vivas em contextos identitários e culturais, com “[...] sociabilidades vivenciadas e celebradas diariamente em seus rituais de celebração da vida (Souza, 2018, p. 73).

Em relação aos povos Apinayé e Krahô, ressaltamos que o estado do Tocantins possui uma rica diversidade de povos indígenas, dentre eles os Apinayé localizados no norte do Estado, próximo à cidade de Tocantinópolis (região conhecida como Bico do Papagaio), enquanto os Krahô estão a nordeste do Estado (entre as cidades de Itacajá e de Goiatins).

Nimuendajú (1983), ao estudar os Apinayé, observou, desde o primeiro contato com os não indígenas, ser esse povo inserido em um grave estado de vulnerabilidade, principalmente, pela ocupação de suas terras originais. Em 1928, eles quase foram dizimados e ficaram reduzidos a uma pequena população de apenas cento e cinquenta (150) pessoas, embora, antes disso, os Apinayé tivessem chegado a uma população com mais de quatro mil e duzentos (4.200) indígenas. Contudo, atualmente, o Distrito Sanitário Especial Indígena (Boletim DSEI, 2022) informa que a população dos Apinayé é de 3.009 (três mil e nove) indígenas aldeados, sendo 1.567 (mil quinhentos e sessenta e sete) homens e 1.442 (mil quatrocentos e quarenta e duas) mulheres, contando com 53 (cinquenta e três) aldeias ativas.

Sobre os Krahô, Melatti (1978) informa que foram vitimados por grandes conflitos e epidemias, reduzindo-se a quantidades bem pequenas, chegando a aproximadamente 600 (seiscentos) indígenas nos anos de 1850. É ainda o Distrito Sanitário Especial Indígena (Boletim DSEI, 2022) que nos informa que a população indígena Krahô é de aproximadamente 3.264 (três mil duzentos e sessenta e quatro) indígenas, distribuídos em 28 (vinte e oito) aldeias. Também os Krahô possuem um território de 302.353 hectares (que é o dobro do território Apinayé).

São nesses contextos territorial-culturais atuais que a geopoesia indígena Apinayé e Krahô se expressa, pois eles, estando na América do Sul, configuram os territórios com

seu “[...] espaço-tempo indissociáveis da vida de seus habitantes” (Freitas, 2008, p. 18), em que “[...] coexistem animais, plantas, minerais, fenômenos meteorológicos, espíritos humanos e não-humanos” (Freitas, 2008, p. 18). Por isso, há uma forte coexistência e conexão espaço-temporal dos indígenas com as coisas sagradas “não-humanas” e com as da natureza. São relações imbricadas em suas psiquês e em suas vidas cotidianas.

Sendo assim, a geopoesia possibilita aos sujeitos expressarem uma gama de fenômenos psicossocioculturais por ser uma poesia interligada aos modos de vida e de histórias de vida, contemplando uma indissociabilidade com questões territoriais, culturais e identitárias. Seguindo na mesma esteira de pensamento, Maria Cecília de Souza Minayo (2002) afirma: “A poesia e a arte continuam a desvendar lógicas profundas e insuspeitadas do inconsciente coletivo, do cotidiano e do destino humano” (Minayo, 2002, p. 9-10).

Nesse contexto, a geopoesia faz parte do cotidiano dos povos indígenas e implica fortes laços com os territórios ocupados e habitados por eles, fazendo parte de suas vidas cotidianas de formas variadas, presentes os elementos naturais (terra, fauna, flora, água, etc.), exercendo, assim, um forte elo sentimental e cultural na vida dos originários e dos habitantes das florestas.

Nesta pesquisa, os poemas selecionados para análise foram retirados das seguintes obras: *Poesia indígena: etnopoesia Apinayé* (organizada por Testa; Albuquerque; Apinayé, Editora Atena, 2021) e *Poesia indígena: etnopoesia Krahô* (organizada por Testa et al., Editora Atena, 2023). Metodologicamente, é um trabalho bibliográfico, qualitativo com viés interpretativo. Como fundamentação teórica, utilizamos Nimuendaju (1983); Graúna (2013, 2014); Dorrico, Danner e Danner (2020); Apinajé (2020); Esbell (2020); Souza (2018); Freitas (2008); Kambeba (2020, 2023); Krahô (2017); Melatti (1978); Minayo (2022); Munduruku (2012); Pereira Júnior, Araújo e Testa (2023); Silva Júnior (2022); Silva e Testa (2022); Testa, Albuquerque e Apinajé (2021); Testa e Albuquerque (2021); Testa et al (2023). Utilizaram-se também alguns dados do DSEI (2022).

O presente texto está organizado do seguinte modo: (i) *Considerações iniciais*; (ii) *A geopoesia indígena: uma perspectiva cultural*; (iii) *Uma leitura interpretativa de três poemas Apinayé e Krahô*; (iv) *Considerações finais*, além do *Resumo* e das *Referências*.

A GEOPOESIA INDÍGENA: UMA PERSPECTIVA CULTURAL

A geopoesia representa algo semelhante ao contemporâneo conceito de território, pois engloba aspectos territoriais, históricos, sociais, culturais e de identidades múltiplas. Neste texto, estamos abordando a geopoesia dos povos Apinayé e Krahô apresentando suas culturas ancestrais ricas e pertencentes a territórios com biomas profusos e ainda bastante preservados, embora estejam sempre em movimento e dentro de dinâmicas específicas e singulares.

Também, a geopoesia considera tempo e espaço como “[...] eixos que se enrolam; as distâncias e as paisagens são pensadas como vida em movimento, possuindo uma temporalidade, uma dinâmica, uma duração” (Freitas, 2008, p. 18). Logo, considerar a

geopoesia e as paisagens como espaço de vida nativa é algo dinâmico e vivo, sendo horizontes culturais imbricados à natureza:

[a]s fronteiras da cultura se diluem naquilo que chamamos natureza e é difícil separar a humanidade do universo que a envolve, anunciando uma perspectiva cruzada. A paisagem, por sua vez, figura fabulosa na memória narrada, tornada mito, tornada história. Pensados antes como horizonte cultural do que como limite fundiário, os territórios ameríndios emergem assim como espaço de vida nativa (Freitas, 2008, p. 18).

Assim, como assevera o autor no excerto acima, a cultura se imbrica e emerge em universos complexos e ricos, entrecruzando-se diferentes elementos que irão formar uma paisagem, um tecido indicador de espaços vitais, no caso espaços de vidas nativas. Esses horizontes culturais indígenas nos mostram a singularidade, a intersubjetividade, a coletividade e a identidade de cada povo.

Desse modo, a geopoesia perspectiva uma natureza poética e vivida de experiências com verdades “ficcionalis”, podendo ser transcritas na escrita literária, permitindo aos sujeitos expressarem um conjunto de sentimentos, de situações, de sonhos, de desejos e de utopias, com pensamentos individuais e coletivos.

Por isso, muitos aspectos da produção da geopoesia implicam sentimentos de luta, de resistência e de sobrevivência. Para Silva Júnior, “A geopoesia se lança como arena, sobretudo, para reflexão e difusão de **poéticas histórica e sistematicamente silenciadas** [...]” (Silva Júnior, 2022, p. 123 [grifo nosso]). Esse é um aspecto importante para refletirmos sobre a literatura indígena e sua difusão; urge fazer um movimento, principalmente a partir de um esforço coletivo, com o fito de possibilitar tal literatura circular e ocupar espaços, mesmo assim tendo também seu lugar de mérito no cenário literário brasileiro. Ainda nas palavras de Silva Júnior (2022):

[n]as literaturas do “interior”, de “cidadezinhas quaisquer”, de comunidades quilombolas, **de resistências indígenas**, de ambientes rurais ou de pequenas cidades, capta-se tudo aquilo que ecoa por festejos, romarias, cantorias e manifestações híbridas de religiosismos carnavalizados e crônicas cotidianas que movimentaram saraus, serestas, folhas e revistas de pequeno alcance e que hoje contam essa história numa arqueologia da literatura de campo – **e que ainda precisa ser percorrida** (Silva Júnior, 2022, p. 123 [grifos nossos]).

Dessa maneira, como aponta o autor, a literatura de “resistências indígenas” há de ser percorrida, visitada, vista, (re)conhecida, publicizada e lida, pois ela pode nos fazer ouvir e enxergar vozes “individuais-coletivas” dos povos das florestas.

Pensamos a geopoesia a partir daquilo defendido por Silva Júnior e Marques (2015, p. 234), porque os autores partem da ideia de que “geo” corresponde à “Gaia, a Terra”, e o conceito de poesia refere-se à “[...] escrita que reconfigura significados opacos em deslocamentos reveladores [...]”. Por isso, esse conceito é expandido e ampliado, podendo caminhar e abranger toda a literatura de campo, nativa ou indígena, produzida, princi-

palmente, na região Norte do Brasil e na região amazônica. Dessa maneira, Silva Júnior e Marques (2015) afirmam sobre a geopoesia:

(r)einventa a cultura e a literatura numa região sem-mar que em presença demi-gra. Uma região, formada por sertão e cerrado, uma área específica enreda-se pelos Estados de Minas Gerais, Bahia, Goiás e Tocantins (um Brasil Central, brasis sem-mar). Percorrendo rizomas culturais e raízes poéticas desta localidade inventada é possível delinear processos inovadores (Silva Júnior; Marques, 2015, p. 233).

Desse modo, as produções culturais indígenas do Norte e/ou da região Amazônica podem fazer esse trânsito de produções das poéticas culturais ligadas à questão da terra e do território. Sendo assim, a geopoesia, nessa perspectiva teórica, é sempre complexa e repleta de “rizomas culturais”, implicados com diferentes tradições, de raízes afetivas e territoriais do sertão ou do cerrado.

Assim, a geopoesia potencializa as histórias de vida dos indígenas e vai ampliando as resistências àquilo que não é plural e democrático. Ainda sobre a geopoesia, poderíamos utilizar um pensamento de Testa e Albuquerque (2021, p. 38) quando apontam:

as poesias indígenas imprimem diálogos (multi)étnicos e (inter)étnicos, de alteridades plurais e transculturais, sendo elas criações literárias de povos que estão, comumente, expostos à exclusão e/ou à marginalização da sociedade não indígena e neoliberal. Por isso, estas produções literárias abrem espaços para ressignificar a história da literatura na dinâmica de seus discursos (Testa; Albuquerque, 2021, p. 38).

Dessarte, como destacam os autores, os poemas indígenas, além de serem plurais, transculturais e de resistência diante da sociedade majoritária, são produções que abarcam muitos saberes e ressignificam discursos em que as minorias são silenciadas. Portanto, importante perceber a necessidade de essa poesia ocupar, cada vez mais, espaço no mercado editorial e fazer parte das leituras os bancos escolares; aliás, é fundamental ser essa literatura amplamente divulgada, lida e apreciada.

Também sobre a literatura indígena contemporânea, sabemos que ela é “[...] algo que passa a existir [...]” (Esbell, 2020, p. 24) na escrita de modo mais recente, mas a produção da oralidade (da literatura oral) tem demonstrado uma rica produção literária indígena que não era registrada. Sendo assim, autoras e autores indígenas têm apresentado uma forte preocupação com o desenvolvimento dessa escrita literária tão abastada. Assim, Márcia Kambeba (2020) explicita:

a escrita indígena é uma forma de autoexpressão de uma resistência que se arrasta e de uma existência que se firma [...] numa atitude recíproca de solidariedade, cuidado, respeito, onde nada é meu, senão que tudo é nosso. Ver a natureza como uma grande casa comum seria uma forma de iniciar um diálogo com a ideia que trazem os indígenas de bem viver (Kambeba, 2020, p. 92)

Nesse contexto, segundo a autora, o “bem viver” pode ser um bem comum e um ideal que perpassa a escrita indígena, em razão de nutrir um respeito e um grande amor

pela natureza. Além disso, Kambeba (2020) assevera que nem tudo pode estar (ficar) registrado na escrita, pois “[...] nem tudo a literatura pode para ela, os ritos sagrados e alguns pensamentos precisam permanecer na oralidade [...]” (2020, p. 96). Sendo assim, apesar de a oralidade estar automaticamente integrada à escrita, na produção indígena há rituais da ancestralidade que não chegarão às páginas dos livros. Contudo, seria um ganho para as gerações futuras perceber a importância do registro escrito das histórias, das narrativas e de toda uma geopoética indígena para preservação da cultura dos povos originários.

Ademais, Dorrico, Danner e Danner (2020, p. 258) defendem ser a literatura indígena “[...] expressão cultural dos povos e sujeitos originários [que] ensejam a busca pela identidade ancestral, a luta pela demarcação de terras, pela voz que quer ser ouvida, pelo diálogo estabelecido”. Portanto, a literatura indígena tem a capacidade de fazer vir à tona a voz, a identidade indígena, demonstrando lutas pela sobrevivência diante da sociedade majoritária.

Ressaltamos, ainda, nesse contexto de luta e de resistência, que o indígena fala *per si*, sem intermediários, pois, muitas vezes, com a literatura ele “[...] assume sua voz para denunciar e apresentar sua realidade para a sociedade. Realidade de um povo marginalizado e silenciado durante muito tempo (Pereira Júnior; Araújo; Testa, 2023, p. 346). Assim, faz-se necessário a literatura indígena circular, ganhar mercado, alcançar leitores e ocupar espaços sociais, porquanto ela pode representar um meio de ir contra os silenciamentos impostos às minorias, visto que os povos indígenas são postos à margem pela sociedade neoliberal.

Também, acerca da importância das produções literárias indígenas, conforme Graça Graúna (2013), a literatura indígena deve ser vista pelo que ela apresenta aos leitores em relação a suas transculturalidades e suas transversalidades: literatura indígena no Brasil pede que se leiam as várias faces de sua transversalidade, a começar pela estreita relação que mantém com a literatura de tradição oral, com a história de outras nações excluídas (as nações africanas, por exemplo), com a mescla cultural e outros aspectos fronteiriços que se manifestam na literatura estrangeira e, acentuadamente, no cenário da literatura nacional (Graúna, 2013, p. 19).

À vista disso, a autora demonstra ter de considerar as várias facetas das produções literárias nessas fronteiras difíceis de distinguir em questões de tradições dos povos da oralidade. Ainda para Graúna (2013), em relação a tentativas de apagamento e de negação das histórias e da cultura dos povos indígenas, durante todo esse lapso temporal no Brasil, não foi suficiente para os povos nativos perderem suas identidades, pois a literatura indígena “[...] é um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização” (Graúna, 2013, p. 15). Então, “estas vozes” silenciadas estão, por meio da literatura contemporânea, ocupando espaços de visibilidade, saindo assim da ‘invisibilidade’” (Graúna, 2014).

Também para Daniel Munduruku (2012, p. 21), a literatura indígena nasceu com o “[...] primeiro sopro vital do criador”. Assim, ela seria “sagrada”, por carregar a ancestralidade dos povos da floresta, com seus ritos, tradições, danças, etc, estando toda a memória (coletiva e individual) presente na escrita indígena. Portanto, “[...] a literatura - escrita, falada, dançada, cantada - passa a ser um referencial para a memória que pretende informar a sociedade brasileira sobre a diversidade cultural e linguística” (Munduruku, 2012, p. 20).

Sendo assim, Márcia Kambeba, em entrevista intitulada “Entre cantos e poesias a voz de uma mulher indígena ecoa e resiste”, realizada por Pereira Júnior, Araújo e Testa (2023), afirma ser toda sua escrita “[...] memória, história, [é] sagrado” (Pereira Júnior; Araújo; Testa, 2023, p. 350). Assim, na literatura indígena, podemos ver na escrita criativa a memória, as histórias pessoais ou do povo, aquilo o qual eles consideram sagrado, e essa “inspiração” do indígena, para a escrita, pode residir em uma forte conexão com o mundo ancestral e espiritual, como é o caso da referida escritora, por declarar ter uma grande “[...] conexão com meu mundo espiritual e ancestral” (Pereira Júnior; Araújo; Testa, 2023, p. 350).

Ainda para Kambeba (2023), é importante “[...] pensar a relação com a natureza por meio de um texto que pode ser conto, poesia, etc., é maravilhoso” (Pereira Júnior; Araújo; Testa, 2023, p. 353). Assim, a geopoesia indígena reforça toda uma rica conexão com a natureza e com o território, bem como possibilita os povos indígenas integrar “[...] todas as formas de olhar, de ver e de sentir o lugar, o sagrado, a memória, e contribuir com as novas gerações para a continuidade da nossa história” (Pereira Júnior; Araújo; Testa, 2023, p. 354). Para a autora, a literatura indígena ajuda a preservar a história de um povo, daí que ela defende ser necessário que a literatura indígena cada dia mais se expanda. Assim, percebemos a luta de Kambeba, como escritora indígena, afirmada por ela mesma, em entrevista: “[a] luta dos Omagua/Kambeba é manter viva a chama da ancestralidade que movimenta a nossa luta por território” (Silva; Testa, 2022, p. 299).

Nesse contexto literário, a geopoesia indígena ganha mais vivacidade e importância, buscando ocupar, cada vez mais, espaço na sociedade não indígena. Outrossim, revela o respeito aos diversos elementos da natureza e aos territórios, dando visibilidades às resistências e às lutas indígenas, trazendo questões de ancestralidade e ainda mostrando uma riqueza imensa dos diferentes povos indígenas habitantes do Brasil.

UMA LEITURA INTERPRETATIVA DE TRÊS POEMAS APINAYÉ E KRAHÔ

A seguir, faremos uma leitura interpretativa das seguintes geopoemas: *Indígenas*; *Go*; e *Panhija Apinajé*. Vejamos a primeira:

Indígenas
Nós indígenas que moramos na aldeia
aprendemos cantar e dançar
e também falar na cultura indígena

Sem cantoria não somos nada

Os pássaros sem canto não são pássaros
 Os grilos sem canto não são grilos
 Somos seres vivos que vivem na natureza
 pela natureza

À noite ouve o grilo cantar
 Nosso céu tem mais estrelas
 Nossas flores ficam mais bonitas
 Nossas cantorias é nossa alegria

Nosso amor e nosso respeito
 É como a grandeza da terra
 É como a extensão dos rios
 É como a infinidade do mar
 É belo como a floresta que é nosso lar

(Sandro P. C. Apinajé.

In: *Poesia Indígena*: etnopoésia Apinayé, 2021)

Ao se analisar o poema, observa-se que a voz poética tem um elo muito forte com o território (a aldeia): “Nós indígenas que moramos na aldeia”. Sendo assim, nesse espaço estão seus modos de vida e de cultura; também se desenvolvem, lá, todos os saberes ancestrais: a língua, o canto, a dança repassados. Assim, fazendo parte dos costumes tradicionais dos Apinayé.

Além disso, a aldeia é um elemento importante da geopética indígena Apinayé; ela ajuda a manter a existência das culturas e das tradições ancestrais desse povo. Logo, a aldeia é um espaço de conexão forte onde a cantoria representa uma alegria coletiva e um modo de existir, pois, como afirma Sandro P. C. Apinajé, em seu geopoema: “Sem cantoria não somos nada”, confirmando essa ideia da “existência”. Observamos, no quinto verso, as comparações com os pássaros: “Os pássaros sem canto não são pássaros”; e com os grilos: “Os grilos sem canto não são grilos”. Em síntese, manifesta-se a seguinte ideia: os Apinayé sem o canto (a cantoria) não seriam quem são.

No geopoema, também há destaque para a fauna e a flora, que, nesse caso, exprime o sentido de respeito pela natureza, pois se vive na natureza e pela natureza: “Somos seres vivos que vivem na natureza / pela natureza”. Então, o termo “pelo” indica um meio, um veículo, é algo mantenedor da vida e do respeito aos elementos da natureza. Há todo um cenário bucólico da noite, dos céus, das estrelas, em que essa voz poética indígena faz uma exaltação da natureza, e é nesse espaço territorial que os ouvidos se abrem com maior sensibilidade para escutar o canto do grilo.

A cantoria indígena manifesta-se como um meio de existência, na qual a terra mostra a sua grandeza e os rios das aldeias, em sua extensão, são comparados à infinidade do mar. Todo esse amor revelado no espaço geopoético da aldeia, do território, sendo a floresta bela, o lar “eufórico” dos Apinayé, dentro de uma voz singular, mas ao mesmo tempo, coletiva.

A seguir, propomos a leitura interpretativa do geopoema *Go*:

Gô

Água que corre pelo cerrado
passa na reserva com muito
alegria, dando vida a vários
seres no mundo, como fauna e
flora para o mundo ser feliz.

A água que passa na reserva
com muita alegria,
dando vida para os indígenas e não indígenas
que vive nos povoados
e também para os passarinhos,
animais que vivem na mata.

(Percília Dias Morais Apinajé.
In: *Poesia Indígena: etnopoesia Apinayé*, 2021)

O poema *Go* traz a água como um elemento geopoético vivo e dotado de sentimentos e de sabedorias, descrita como algo que corre pelo bioma do cerrado (pelo território), passando a representar, na reserva indígena, sentimentos de alegria.

Assim, a água simboliza um ser vivo. Em dados momentos, no geopoema, aparece personificada; promove vida ao mundo animal e vegetal, especialmente a fauna e a flora, “dando vida a vários/seres no mundo, como fauna e/flora para o mundo ser feliz”. Portanto, a água mantém uma forte relação entre os elementos naturais, sendo ela uma conexão entre os seres humanos e os elementos da natureza. Por isso é importante para a sobrevivência de um ecossistema complexo, e assim o é também para os indígenas e não indígenas.

Nesse contexto, acerca da importância da “água”, relembramos que Gercília Krahô (2017), durante uma palestra (informação verbal)¹, demonstrou uma enorme preocupação com a preservação da água, afirmando ser um elemento conectado à vida e de máxima importância para a sobrevivência de todos. Além disso, em sua fala, a palestrante indígena destacou uma comparação dizendo: “A água corre nos rios como o sangue que corre em nossas veias” (Krahô, 2017), ou seja, sem ela não há vida.

Dessa forma, percebemos o quanto a água “Gô” é um elemento vital para preservação dos territórios indígenas, das reservas, das aldeias e para a sobrevivência dos povos indígenas. Esse elemento está sempre ameaçado em face dos invasores de terras, da destruição dos seus territórios e, até mesmo, em face das mudanças climáticas.

E o último geopoema Apinayé em tela se intitula *Panhija Apinajé*. Vejamos o texto:

Panhija Apinajé

O Cacique Euclides da Aldeia Mariazinha
se reúne com a comunidade indígena para
tratar de vários assuntos e falar dos trabalhos
do povo Apinajé.

¹ KRAHÔ, Gercília (2017) é uma liderança indígena do povo Krahô que proferiu a conferência “Lutas e Conquistas dos Povos Indígenas nos últimos anos”, no dia 27.11.2017, por ocasião da abertura do “VI Seminário Bem Viver Indígena: resistência dos povos do Cerrado frente aos grandes empreendimentos, na defesa dos territórios e fortalecendo o Bem Viver - Resistir para existir, nenhum direito a menos!”, ocorrido entre os dias 27 e 29 de novembro de 2017, na Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína.

(Silvia Apinajé.

In: Poesia Indígena: etnopoesia Apinayé, 2021).

Esse geopoema Apinayé fala de algo muito importante para o povo, que é a liderança na pessoa do cacique, representante maior, por isso deve ser respeitado por todos da aldeia. No geopoema, o cacique em questão é denominado “Euclides”, liderança da “Aldeia Mariazinha”.

O cacique tem um papel fundamental na aldeia; ele é uma figura de autoridade e de confiança; busca sempre reunir toda a comunidade indígena para discutir assuntos relacionados ao bom andamento dos trabalhos na aldeia. Para os não indígenas, a figura do cacique é semelhante à de um prefeito.

Por isso o cacique detém a confiança da comunidade, bem como a representação em todos os setores, quer seja no seu território quer fora dele. As reuniões da comunidade com o cacique são públicas, com a participação de todos, e ocorrem no pátio, local de discussão dos assuntos mais importantes, sendo um espaço de saberes e de tradições.

Agora passemos à leitura interpretativa dos seguintes geopoemas Krahô: *Povo Krahô; Na minha aldeia; e Aldeia*. Vejamos o primeiro geopoema:

Povo Krahô

O povo Krahô na hora da festa anima,
fica feliz porque pode mostrar nossa cultura.

Temos que manter nossa cultura, porque não podemos
deixar de amar nossa cultura.

A corrida da Tora é sempre realizada, também
a cantoria no pátio é com maracá, o maracá é
nossa tradição, é a tradição do povo Krahô.

Não queremos nunca perder nossa cultura,
nossa natureza, nossa aldeia redonda e nossa
escola, porque estudar é aprender.

(Ismael Aprac Krahô (Hotxuá)

In: Poesia indígena: etnopoesia Krahô, 2023).

O geopoema de Ismael A. Krahô retrata o quanto os momentos festivos do povo Krahô são animados, expressando, ainda, o quanto seriam felizes em promover e preservar a cultura ancestral, de a manter viva; para isso é necessário o afeto: “ amar nossa cultura”. Por isso, implicitamente, podemos perceber a preocupação com a manutenção da cultura que tanto os representa e os identifica, apontando para a identidade do povo Krahô.

À vista disso, ritos e tradições precisam ainda ser mantidos pelo povo Krahô, como a Corrida da Tora, mencionada por ele como “sempre realizada” (no sentido de uma continuidade; é tradição viva e presente até o momento, pois o termo “sempre” é uma expressão durativa). Novamente, nos geopoemas analisados neste trabalho, vemos o espaço do pátio, como espaço fundamental para a manutenção das tradições e dos ritos

indígenas. Por isso ele pode ser lido como um espaço “sagrado” também onde as ancestralidades se reuniriam.

Outro destaque na geopoésia são as cantorias. A cantoria com o maracá (que é um instrumento musical indígena feito de cabaça e sementes, e é muitíssimo utilizado por diferentes povos indígenas no Brasil): “[...] é/nossa tradição, é a tradição do povo Krahô”. O instrumento ajuda a tornar os momentos festivos em momentos de aprendizado também, nos quais os mais jovens são estimulados a valorizar os cantos e os rituais do seu povo. Além disso, a língua entra em cena, pois muitos cantos são na língua nativa, e os mais jovens têm oportunidade de aprender mais da língua pela música – o canto.

Também, nesse contexto dos cantos, Júlio K. R. Apinajé, em seu livro *Gernhõwꞑnh Nywjê: fortalecimento da cantoria entre os jovens nos rituais* (2020), afirma que “A cantoria movimenta nosso mundo”. Esse “movimento” está ligado a tudo e a todos os ciclos de existência do povo, do seu território, de sua língua, da natureza, do meio ambiente, dos seus ritos, da sua ancestralidade, dos seus comportamentos, das suas leituras de mundo, das suas cosmologias e das existências. É, ainda, explicitado por Apinajé (2020, p. 21-22): “As pessoas de fora entendem nosso canto como se fosse cantoria qualquer. Não é. É uma coisa muito séria. Por isso falamos que as músicas não são inventadas. É uma linguagem [...] que tem vestígios ancestrais”. À vista disso, os cantos são bibliotecas vividas, pois ajudam no fortalecimento da cultura, expandem e expressam as vivências psicossociais do povo em seus ricos repertórios musicais: “É um tipo de leitura do mundo. É como se pudéssemos pesquisar coisas antigas. Como se fôssemos arqueólogos [...] Eu entendo o mundo pela cantoria” (Apinajé, 2020, p. 21).

Na geopoésia, ainda observamos que Aprac Krahô demonstra grande preocupação com a perda da cultura: “Não queremos nunca perder nossa cultura, pois a cultura é a existência do povo”. E continua afirmando não querer perdê-la: “nossa natureza, nossa aldeia redonda e nossa/escola, porque estudar é aprender”. Enfim, não quer perder a natureza (o meio ambiente e o território), bem como a sua aldeia redonda, representando o sol, onde o centro é o pátio e os caminhos que levam até ele são os raios solares. A geopoésia Krahô também fala da importância da escola indígena na aldeia, pois ela, talvez, seja para os indígenas do povo Krahô um forte elemento que ajuda a preservar e a registrar a língua materna (pela escrita), além de ser um local de aprendizado, visto que, conforme Aprac Krahô, “estudar é aprender”.

O penúltimo geopoema Krahô para exame se intitula *Na minha aldeia*. Vejamos:

Na minha aldeia

Na minha aldeia tem água linda que se chama Côjakryti
Os homens e os jovens jogam bola todos os dias na aldeia.
Tem mulher bela na aldeia, cabelo preto e cabelo castanho.

Temos muitas frutas na nossa natureza, temos animais,
Temos o pátio na aldeia. A noite a criança brinca no pátio
e a estrela brilha no céu.

As velhas cantam e as crianças ficam alegres.

A nossa natureza faz remédio para saúde.
A nossa aldeia é linda, tem muitas árvores.
Tem festa na nossa cultura Krahô.

(Genailde Croÿxÿ Krahô.
In: Poesia indígena: etnopoesia Krahô, 2023).

O geopoema de Genailde descreve a vida, na aldeia, em vários aspectos. Traz o elemento água em primeiro lugar no poema, dizendo: “água linda que se chama Côjakryti”, água como fonte de vida. Assim, água e terra são elementos fundamentais para os povos indígenas, tal qual afirma também Apinajé (2020, p. 19-20): “[...] a gente necessita da terra porque a gente é parte dela. Consideramos a terra como parte do nosso corpo humano, porque consideramos a água como sangue que corre nas nossas veias”.

Além disso, o geopoema fala da importância dos homens e dos jovens que jogam bola, no sentido de ser mais um componente social; sendo uma diversão e um meio de interação social na aldeia. Outrossim, o destaque recai para a beleza da mulher indígena, exaltando as cores dos cabelos: pretos e castanhos.

Ainda vemos que a fauna e a flora, com seus animais e com suas frutas, estão no cenário construído da aldeia. O pátio recebe lugar de suma importância, sendo um *locus* político, ritual, social, etc. Ele simboliza, também, repasse de conhecimentos e de tomadas de decisões do povo, e, nele, as crianças ainda podem brincar e aprender sobre o universo, observando as estrelas que brilham no céu. Além do mais, no pátio se realizam as cantorias pelos “mais velhos”, e, nesse contexto de música e/ou de dança, a alegria das crianças pode ser vista, gerada pela comunhão e pela integração social.

Outro elemento importante, geopoeticamente, é o de a natureza fornecer remédios para o povo, revelando-nos, ainda, a existência, no povo Krahô, de uma medicina tradicional (feita com a natureza), para promover a cura de diferentes tipos de doenças.

Ademais, as árvores são elementos de beleza na aldeia, que fica mais linda por ser composta por muitas delas. No final, Genailde afirma que a aldeia é um local festivo, e a cultura ainda está preservada em muitas das suas tradições e dos seus rituais ancestrais.

Vejamos, a seguir, o último geopoema Krahô para apreço:

Aldeia

A aldeia Krahô é linda
A aldeia é redonda, um círculo,
não tem barulho de carro ou moto
você se sente aconchegante.

A aldeia é muito tranquila.
Todos os dias você ouve o canto
de um pássaro e sente o movimento
do vento.

A noite vê as estrelas no céu.

(Camila Pÿpkwÿj Krahô
In: Poesia indígena: etnopoesia Krahô, 2023).

Nesse geopoema, Camila Krahô, bucolicamente, trata da beleza da aldeia, que é redonda, “um círculo”, e contém estradas radiais para as casas. Nesse espaço, não há poluição sonora causada pelo barulho dos motores de carros ou de motos, o que faz as pessoas terem um sentimento de aconchego e de bem viver indígena.

Logo, a tranquilidade parece imperar nesse *locus amoenus*, ensejando as pessoas a ouvirem os cantos dos pássaros, a sentirem o movimento do vento e a visualizarem as estrelas, corroborando a beleza do local; tópos de um lugar ameno, portanto, o corpo é convidado a permanecer, a desfrutar e a descansar nesse lugar agradável e tranquilo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo traz uma abordagem acerca da geopoesia indígena, como uma produção de resistência e de reexistência. A geopoesia expande-se em várias temáticas que abordam diferentes realidades daqueles, muitas vezes, invisibilizados e/ou postos à margem pela sociedade neoliberal. Neste trabalho, propomo-nos a fazer análises de geopoemas Apinayé e Krahô, buscando assim tentar revelar algumas das suas dimensões poéticas e estéticas.

Também, buscamos compreender o modo diverso mantido pelos indígenas em relação à ancestralidade e aos saberes tradicionais, enveredando por seus territórios, buscando, por meio do ambiente em que vivem, entender suas singularidades e seus afetos.

Sendo assim, a geopoesia tem ajudado a fortalecer a literatura indígena, promovendo o engajar de novos leitores e o despertar de olhares para uma produção rica e necessária, o que impreterivelmente ajuda a estabelecer, cada vez mais, uma produção literária mais democrática e plural no Brasil.

Neste texto, colocamos em tela leituras analíticas de três geopoemas Apinayé e de três Krahô, com destaque para a natureza, a aldeia, o cacique, as culturas, a beleza da indígena e o próprio povo, trazendo, assim, questões de identidade, de ancestralidade, do território, da importância da água e da natureza. À vista disso, com a pequena mostra de geopoemas, podemos apontar que o espaço de vida nativa para os povos Apinayé e Krahô está profundamente ligado aos aspectos das tradições, dos ritos, da cultura (língua, dança, cantos, etc.) e ao espaço ambiental. Tudo isso nos aponta para cenários culturais bastante preservados ainda, mesmo diante das constantes ameaças aos seus direitos garantidos, como os seus territórios.

Com este trabalho, por meio da geopoesia indígena, acreditamos que seja possível sensibilizar para a valorização dos saberes desse povo, levando em consideração os impactos da vida moderna em muitos deles, afastando, muitas vezes, os mais jovens das suas culturas. Sendo assim, percebemos a necessidade premente de compreendermos as diversas lutas e resistências em que os povos indígenas se engajam para manter suas línguas, culturas, histórias, buscando, pois, manter seus ritos e suas tradições vivas.

Por conseguinte, a literatura, por meio de seus registros escritos, pode ajudar a transmitir aos mais jovens toda a riqueza de uma produção estética e poética. Dessa maneira,

a escrita dos indígenas auxiliará na salvaguarda das culturas dos povos. Enfim, quanto mais pessoas tiverem o prazer de vivenciar essas leituras, mais o olhar acerca dos indígenas será redimensionado, aprofundando o respeito e admiração por eles.

REFERÊNCIAS

- APINAJÉ, Júlio Kramêr Ribeiro. **Gernhõxwynh nywjê**: fortalecimento da cantoria entre os jovens nos rituais Apinayé. Rio de Janeiro: Pachamama, 2020. 60p.
- DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; DANNER, Fernando. A literatura indígena brasileira contemporânea: a necessidade do ativismo por meio da autoria para a garantia da autonomia. In: **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea**: autoria, autonomia, ativismo. DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (Orgs.). Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 238-261.
- DSEI. Distrito Sanitário Especial Indígena. **População indígena**. Boletim, junho de 2022.
- ESBELL, Jaider. Literatura Indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia e ativismo - o que dizer e para quem? In: **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea**: autoria, autonomia, ativismo. DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (Orgs.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020, 2020. p. 20-25.
- FREITAS, Ana Elisa de Castro. Territórios ameríndios: espaço de vida ativa no Brasil Meridional. In: **Povos indígenas e educação**. BERGAMASCHI, M. A. (Org.). Porto Alegre: Mediação, 2008. p. 17-28.
- GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte. Mazza, 2013. 200p.
- _____. Literatura: diversidade étnica e outras questões indígenas. In: **Todas as musas**. Ano 05, n.02, jan-jun 2014. pp. 52-57. Disponível em: <https://www.todasasmusas.com.br/10Graca_Grauna.pdf>. Acesso em: 02 out. 2023.
- KAMBEBA, Márcia W. o olhar da palavra escrita de resistência. In: **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea**: autoria, autonomia, ativismo. DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (Orgs.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. p. 89-97.
- KRAHÔ, Gercília (2017). Lutas e Conquistas dos Povos Indígenas nos últimos anos (informação verbal). In: **VI Seminário Bem Viver Indígena**: Resistência dos povos do Cerrado frente aos grandes empreendimentos, na defesa dos territórios e fortalecendo o Bem Viver - Resistir para existir, nenhum direito a menos! 2017. Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Araguaína, 2017.
- MELATTI, Julio César. **Ritos de uma tribo timbira**. São Paulo: Ática, 1978. 364p.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.
- MUNDURUKU, Daniel. Literatura Indígena e as novas tecnologias da memória. **Revista do laboratório de Linguagens Indígenas LETRA INDIGENA**. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos. V.1, n.1, 2012. pp. 16-23. ISSN: 2316-445X
- NIMUENDAJU, Curt. **Os Apinayé**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1983.
- PEREIRA JÚNIOR, Nilo Marinho; ARAÚJO, Edileuza Batista de; TESTA, Eliane Cristina. Entre cantos e poesias a voz de uma mulher indígena ecoa e resiste: entrevista com Márcia Kambeba. **Revista ALEA Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 25/1, p. 345-355, jan.- abr. 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/view/57868/31501>. Acesso em 03 out. 2023.
- SILVA JUNIOR, Augusto. Rodrigues da. Geopoesia da boa morte pelas ruas coralinas da tanatografia. In: **Literatura e Autoritarismo**, 2022, p. 119-136. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1679849X70528>. Acesso em: 04 out. 2023.
- SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da; MARQUES, Geórgia da Cunha. Godoy Garcia e Niemar: **um canto geral centroestino**. ECOS -Estudos Contemporâneos da Subjetividade. vol. 5, n. 2, 2015.
- SILVA, Maria José Pereira. da; TESTA, Eliane Cristina. Muito além da Floresta: Entrevista com Márcia Wayna Kambeba. **Revista Letras Raras**, Campina Grande, V. 11, n. 2, pp. 296–301, 2022. DOI: 10.5281/zenodo.8223115. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/RLR/article/view/952> . Acesso em: 2 out. 2023.

SOUZA, Ely Ribeiro de. Literatura indígena e direitos autorais. In: **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. DORRICO, Julie *et al* (Orgs.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

TESTA, Eliane Cristina; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; APINAJÉ, Júlio Kamêr Ribeiro. **Poesia indígena: etnopoésia Apinayé**. Ponta Grossa/PR: Atena, 2021.

_____. *et al.* **Poesia indígena: etnopoésia Krahô**. Ponta Grossa/PR: Atena, 2023.

_____. ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **Poesia Apinayé/Português: contribuições para a literatura indígena**. JNT-Facit Business And Technology Journal - ISSN: 2526-4281 QUALIS B1. Fevereiro, 2021. ed. n. 23. Vol. 1. p. 36-55.